



**VISITA TÉCNICO-CIENTÍFICA NO INSTITUTO UNIVERSITÁRIO SOPHIA:  
ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE O AMOR AO MUNDO**

**TECHNICAL-SCIENTIFIC VISIT AT SOPHIA UNIVERSITY INSTITUTE: SOME  
REFLECTIONS ON LOVE TO THE WORLD**

**VISITA TÉCNICO-CIENTÍFICA AL INSTITUTO UNIVERSITARIO SOPHIA:  
ALGUNAS REFLEXIONES SOBRE EL AMOR AL MUNDO**

**Franceila Auer**  

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Bolsista de Doutorado da Fapes. Mestre em Educação pela UFES, Vitória, Espírito Santo - Brasil.

*E-mail:* auerfranceila@gmail.com

**Larissa Franco de Mello Aquino Pinheiro**  

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Bolsista de Doutorado da Capes. Mestre em Ciências Sociais pela UFES e em Ensino de Humanidades pelo IFES, Vitória, Espírito Santo - Brasil.

*E-mail:* larissafma@gmail.com

**Vania Carvalho de Araújo**  

Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Pós-doutora e Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Coordenadora do Grupo de Pesquisa Infância, Educação, Sociedade e Cultura (IESC), Vitória, Espírito Santo - Brasil.

*E-mail:* vcaraujofes@gmail.com

**RESUMO**

Este artigo tem como objetivo discorrer sobre uma visita técnico-científica realizada no Instituto Universitário Sophia, em Figline e Incisa-Valdarno, na região da Toscana - Itália, em articulação com o pensamento de Hannah Arendt e a experiência de Chiara Lubich. Para tanto, adota um relato de experiência escrito sob formato de ensaio e mobiliza o conceito de amor em ambas as autoras. Os resultados indicam que a proposta educacional idealizada por Chiara Lubich ultrapassa a preocupação com apenas a formação acadêmica dos estudantes, pois alcançam uma experiência de mundo comum e de responsabilidade pela comunidade, cujos conhecimentos produzidos e projetos de estudo extrapolam o cenário universitário e associam-se às demandas locais. Experiências essas que parecem alinhar-se às reflexões arendtianas sobre o *amor mundi* enquanto um artifício humano de se conectar ao outro na ação, no discurso e nas inter-relações tecidas na vida social bem como no compromisso pelo próximo com vistas a construção de uma sociedade mais humanizada.

**Palavras-chave:** Chiara Lubich e amor. Hannah Arendt e *amor mundi*. Proposta educacional e mundo.

Visita técnico-científica e experiência.

### ABSTRACT

This paper aims to discuss a technical-scientific visit held at the Sophia University Institute, in Figline and Incisa-Valdarno, in the region of Tuscany - Italy, in articulation with the thoughts of Hannah Arendt and the experience of Chiara Lubich. To do so, it adopts an experience report written in an essay format and mobilizes the concept of love in both authors. The outcomes indicate that the educational proposal idealized by Chiara Lubich surpasses the concern with the academic training of the students only, because they reach a common experience of the world and responsibility for the community, whose knowledge produced and study projects go beyond the university scenario and are associated with local demands. These experiences seem to align with the Arendtian reflections on *amor mundi* as a human device to connect to the other in action, speech and inter-relationships woven in social life as well as in the commitment to others aiming to build a more humanized society.

**Keywords:** Chiara Lubich and love. Hannah Arendt and *amor mundi*. Educational proposal and world. Technical-scientific visit and experience.

### RESUMEN

El propósito de este artículo es discutir una visita técnico-científica que tuvo lugar en el Instituto Universitario Sophia de Figline e Incisa-Valdarno, en la región de Toscana, Italia, en relación con el pensamiento de Hannah Arendt y la experiencia de Chiara Lubich. Para ello, adopta un informe de experiencia escrito en formato de ensayo y moviliza el concepto de amor en ambos autores. Los resultados indican que la propuesta educativa ideada por Chiara Lubich va más allá de la preocupación por la formación académica de los estudiantes, ya que éstos alcanzan una experiencia de mundo común y de responsabilidad con la comunidad, cuyos conocimientos producidos y proyectos de estudio van más allá del ámbito universitario y se asocian a las demandas locales. Estas experiencias parecen estar alineadas con las reflexiones de Arendt sobre el *amor mundi* como artificio humano para conectar con el otro en la acción, en el discurso y en las interrelaciones que se tejen en la vida social, así como en el compromiso con el prójimo con vistas a construir una sociedad más humanizada.

**Palabras clave:** Chiara Lubich y amor. Hannah Arendt y el *amor mundi*. Propuesta educativa y mundo. Visita técnico-científica y experiencia.

### INTRODUÇÃO

O que prepara os homens para o domínio totalitário no mundo não-totalitário é o fato de que **a solidão, que já foi uma experiência fronteiriça, sofrida geralmente em certas condições sociais marginais como a velhice, passou a ser, em nosso século, a experiência diária de massas cada vez maiores.** O impiedoso processo no qual o totalitarismo engolfa e organiza as massas parece uma fuga suicida dessa realidade. O **‘raciocínio frio como o gelo’** e o **‘poderoso tentáculo’** da dialética que nos **‘segura como um torno’** parecem ser o último apoio **num mundo onde ninguém merece confiança e onde não se pode contar com coisa alguma.** (ARENDRT, 1989, p. 531, *grifos nossos*).

Hannah Arendt é uma pensadora da política, mulher de origem judaica que nasceu na Alemanha e sobreviveu aos horrores do nazismo, tendo que se exilar na França e em seguida fugir para os Estados Unidos da América, em 1941. Foi nesse contexto que ela escreveu

grande parte de sua obra dedicada a resgatar o sentido da dignidade da política, pois segundo ela, na modernidade, esta foi perdida. Em uma entrevista concedida a Roger Errera em 1973, ela diz: “Estou preocupada em pensar o mundo”, enquanto fruto da obra humana e não simplesmente um espaço físico. Em Arendt (1968, p. 36), “o mundo não é humano só por ser feito por seres humanos, e não se torna humano só por nele se fazer ouvir a voz humana, mas sim, e só, quando se torna objecto de diálogo”. Como explica Alessandra (2011, p. 64, *tradução nossa*), “mundo, entendido como um espaço de relações humanas, [...] um espaço em que os homens se encontram e se reconhecem”.

Nas notas introdutórias do livro *Ação e a busca da felicidade* (ARENDR, 2018), cita-se a preocupação de Hannah Arendt em “pensar o que estamos fazendo”. Ela se refere ao mundo comum, à humanidade, à importância das reflexões para a ação política que se dá entre os seres humanos, no intra-espaço enquanto experiência conjunta. Essa também parece ser uma preocupação de Chiara Lubich fundadora do Movimento dos Focolares<sup>1</sup>, em 1943, na cidade de Trento, ao norte da Itália, cujo escopo é a construção de um mundo mais unido, em um contexto de Segunda Guerra Mundial, onde a Itália estava devastada pelo fascismo. O lema deste movimento é “Que todos sejam um!”.

Segundo Cosseddu (2013, p. 297, *tradução nossa*), o mundo para Chiara Lubich é “um espaço habitado por homens que se tornou o ponto de encontro e diálogo mais autêntico para além de toda diversidade”. Ao discorrer sobre o posicionamento esperado dos seres humanos no contexto de guerra e de diferentes conflitos armados, Chiara Lubich afirma:

Aquilo que não devia acontecer, aconteceu. eclodiu uma guerra terrificante e no mundo inteiro se está com o fôlego suspenso diante da possibilidade de que se alastre, envolvendo outros povos [...] Além do mais neste momento, todos nós devemos nos sentir chamados a seguir com decisão uma linha de vida que repare pelo menos dentro de nós o erro que foi cometido. (LUBICH, 1991, p. 85, *grifos nossos*).

Como podemos observar tanto Hannah Arendt (1906-1975), quanto Chiara Lubich (1920-2008) são mulheres que vivenciaram regimes totalitários respectivamente na Alemanha e na Itália, mas que ao mesmo tempo precederam o seu tempo com seus pensamentos voltados ao bem comum que perduram até nossos dias. De um lado, Chiara Lubich, mulher cristã que discorre sobre a cultura e o mundo. Por outro lado, Hannah Arendt, mulher ateaia

---

<sup>1</sup> O termo focolares vem do italiano *focolari*, plural de *focolare*, que significa “lareira” como sinédoque de “casa” ou mais propriamente “lar”. O termo *focolare* tem sua origem no latim tardio *focularis*, derivado de *foculus*, diminutivo de *focus*, “fogo”. Para conhecer mais o Movimento dos Focolares no Brasil, acesse o site: <http://focolares.org.br/>.

que dialoga sobre algumas categorias cristãs. Ambas se posicionaram diante de um mundo tomado por injustiças sociais, e, em favor de um mundo melhor para todos. A nosso ver, há uma inquietação entre as duas no que diz respeito à “[...] vida de toda uma sociedade num entrelaçamento de relações e sujeitos, que com suas ações dão vida ao mundo das relações” (COSSEDDU, 2013, p. 299, *tradução nossa*).

Levantemo-nos de manhã com uma ‘anistia’ completa no coração, com aquele amor que cobre tudo, que sabe acolher o outro assim como ele é, com suas limitações, suas dificuldades, tal como faz a mãe quando o filho erra: sempre desculpa, sempre perdoa, sempre espera nele... Vamos ao encontro de cada pessoa vendo-a com olhos novos, como se ela nunca tivesse caído naqueles erros. (LUBICH, 2004, s/p).

A nossa aproximação com as reflexões de Chiara Lubich se deu através de uma visita técnico-científica realizada no Instituto Universitário Sophia (IUS) em dezembro de 2021, situado em Loppiano, um vilarejo de Incisa e Figline Valdarno na região de Toscana - Itália que foi criado em 1964 pelo Movimento dos Focolares, idealizado por Chiara Lubich em companhia de pessoas adeptas dessa experiência.<sup>2</sup> A escolha desta instituição de ensino se justifica pelas discussões desenvolvidas em torno de temas ligados à Filosofia e à Ciência Política, ambas áreas de conhecimento que contribuem para as nossas investigações no Doutorado em Educação, realizado na Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), mais precisamente, na linha de pesquisa *Educação, Formação Humana e Políticas Públicas*.

O contato com os estudantes universitários do IUS nos fez conhecer mais sobre a obra de Chiara Lubich que em 1968 escreveu: “O amor é luz, é como um raio de luz que quando atravessa uma gota de água se refrange no arco-íris, onde podem ser admiradas as sete cores. São todas cores de luz, que, por sua vez, se refrangem em infinitas nuanças” (MOVIMENTOS DOS FOCOLARES, 2022). Cada uma das cores representa algo para a vida humana, o vermelho é a administração financeira ou a comunhão de bens; o alaranjado é o acolhimento de todos; o verde é a saúde e o lazer; o amarelo é a reflexão e a formação espiritual; o azul é a harmonia do vestuário e do ambiente; o anil é o conhecimento e a sabedoria; a violeta é a comunicação e a troca de vivências. A cor branca é a junção de todas as cores do arco-íris que representa a paz. Já a cor preta é a ausência de cores, refere-se a política. Tais cores representam uma forma de viver as diferentes atividades humanas.

---

<sup>2</sup> É complexo dissociar a experiência da visita técnico-científica abordando a vivência no Instituto Universitário Sophia tão somente, já que o (con)viver Loppiano tem o Instituto como uma realidade micro dentro de uma experiência macro de mundo idealizada na *Cittadella*, assim, ele faz parte do projeto do mundo unido, como um importante núcleo de estudos.



O Movimento dos Focolares (2022) apresenta sete expressões sobre o amor que inspira a vida em comunidade, dentre elas, destacamos: “o amor realiza a unidade entre nós”; “o amor reúne as pessoas em sabedoria”. Sobre a ontologia do amor, Chiara Lubich o coloca da seguinte forma: “[...] dando tudo de si e de sua própria existência, e assim descobre no amor a lei íntima da vida não só de tudo, mas de todas as coisas entre eles; ele descobre o significado e o valor de tudo no amor” (PELLI, 2011, p. 197, *tradução nossa*). A visita nos possibilitou deparar com uma experiência de mundo que parece se articular ao pensamento de Hannah Arendt quando ela nos fala do *amor mundi* em tempos sombrios, visto que identificamos na convivência no IUS um agir político na prática do cotidiano de sua comunidade que cria a unidade pela diversidade, valorizando e harmonizando as diferenças em torno da ideia de um mundo unido.

Sem desconsiderar as diferentes concepções de mundo entre Hannah Arendt e Chiara Lubich, o que nos interessa é o amor à humanidade como horizonte comum entre ambas. Quando Chiara Lubich fala sobre amar a Deus como uma condicionalidade para amar o próximo, ao que nos parece há uma aproximação com o *amor mundi*, que significa o amor ao mundo em Hannah Arendt, pois a novidade da experiência de Chiara Lubich está em viver de fato o Evangelho “que todos sejam um”, onde há um esforço contínuo de se fazer o bem mutuamente. Isso significa amar cada um na concretude de suas vidas. Para além do que Hannah Arendt refletiu sobre o *amor mundi* no âmbito da política, Chiara Lubich expande o conceito de amor para todos os âmbitos da vida humana.

Em 1928, Hannah Arendt publicou a obra *O Conceito de Amor em Santo Agostinho*, dividida em três partes: *Amor como desejo: o futuro antecipado*; *Criatura e Criador: o passado rememorado*; *Vida Social*. Na primeira, ela fala do amor enquanto desejo que faz o ser humano ser direcionado aquilo que quer. Na segunda, ela problematiza qual a origem do amor e identifica que esta é a mesma da felicidade que vem da doutrina cristã. Na terceira, ela investiga o amor na vida, isto é, no âmbito da sociedade e na formação de uma comunidade, fazendo com que esta parte da obra seja nosso foco no ensaio, visto que se aproxima das nossas discussões. Duarte (2003, p. 96, *grifo nosso*) explica que tudo em torno do *amor mundi* na tese de Hannah Arendt “[...] só pode ser aplicado de maneira [inteligível] à sua reflexão política madura se o conceito de *amor mundi* for descontextualizado e adaptado para propósitos políticos estranhos aos do pensamento agostiniano”. Isso se dá pois apesar de Arendt (1997) se inspirar em Santo Agostinho, ela reformula o conceito de amor tendo em vista uma formulação de teoria política de amor pelo mundo comum.



Segundo Sanches (2018), Hannah Arendt considera que o amor ao próximo é possível apenas na vida social. Na realidade, ela está preocupada em problematizar “o sentido e a significação do amor ao próximo” (ARENDR, 1997, p. 7). No entanto, “neste amor ao próximo, não é exactamente o próximo que é amado, mas o próprio amor” (ARENDR, 1997, p. 117). Sampaio e Carvalho (2021) discorrem sobre o *amor mundi* e sua relação com a ação política no sentido de colaborar para a conservação do mundo compartilhado entre os seres humanos. *Amor mundi*, na perspectiva das autoras, nada mais é do que uma teoria política do amor.

Por sua vez, Chiara Lubich nos ensina que o amor é uma manifestação original do ser, na expressão “é só amor que é”. Segundo Pelli (2011, p. 189, *tradução nossa*):

Essa afirmação densa e lapidar já é evidente em sua formulação sintética extremamente reveladora. De fato, ela se concentra principalmente não na consideração de ser entendido, de acordo com os critérios da metafísica clássica, como algo que é em si e que, se é que pertence ao amor como seu predicado fundamental (como pode ser lido em a formulação 'ser é amor'). Esta afirmação centra-se antes no amor que, ao transformar-se de predicado em sujeito, aparece como o que torna visível a manifestação do ser, trazendo-o realmente à tona, marcando o seu ritmo vital, revelando-se, em última análise, como o que causa o ser. é, portanto, como a essência de tudo o que é.

Como podemos observar, o amor em Chiara Lubich é sempre novo e contagia homens e mulheres quando estes o partilham enquanto uma (re)descoberta. Arendt (1997) questiona se o amor consegue atuar na dimensão social, isto é, na constituição das comunidades, mas constrói suas reflexões ao abordá-lo como *amor mundi*, pois para ela, só este tipo de amor é capaz de considerar o próximo como a mim mesmo. *Mundi* significa “do mundo”. Diante do exposto, o objetivo deste artigo é discorrer sobre uma visita técnico-científica no IUS em articulação com o pensamento de Hannah Arendt e a experiência de Chiara Lubich, em torno do conceito de amor.

## **O TESTEMUNHO DA EXPERIÊNCIA**

Tomamos como ponto de partida, a experiência enquanto uma forma de compartilhar algo que vivemos e que produz aprendizados, dos quais, só quem experienciou e viveu, é capaz de compartilhar e narrar para suscitar sentidos e significados no mundo em que coabitamos.

Uma vivência, algo pelo qual simplesmente eu passei, eu atravessei, ou algo que me aconteceu, ela não é nada se ela não puder ser transformada em alguma narrativa compartilhável e transmissível ao grupo ao qual eu pertenço. É a transmissão, é o compartilhar, que transforma a vivência em experiência. (BENJAMIN, 1987, p.

114).

Adotamos o relato de experiência, como forma de melhor expor nossas vivências durante a visita técnico-científica e transformá-las em experiências como nos ensina Benjamin (1987). Segundo Ludke e Cruz (2010), este pode ser caracterizado como um registro de momentos experienciados que pode decorrer de projetos de pesquisas, de ensino, de extensão ou no nosso caso, de uma visita técnico-científica em uma instituição estrangeira. Podemos dizer que fomos testemunhas de tudo isso, o que não significa afirmar apenas que nós vimos com nossos próprios olhos, pois, para além disso, ser testemunha também é:

[...] aquele que não vai embora, que consegue ouvir a narração insuportável do outro e que aceita que suas palavras levem adiante, como num revezamento, a história do outro: não por culpabilidade ou por compaixão, mas porque somente a transmissão simbólica, assumida apesar e por causa do sofrimento indizível. (GAGNEBIN, 2006, p. 57).

Ao sermos testemunhas daquilo que vivemos, é possível fazermos uma rememoração, isto é, uma atenção ao presente, sem esquecermos do passado, deixando que este seja uma referência para o nosso agir, como nos ensina Gagnebin (2006). Mussi, Flores e Almeida (2021) consideram que o relato de experiência contribui para o meio acadêmico ao apresentar reflexões e críticas que levem a produção de conhecimento. Os autores estabelecem elementos importantes para a escrita de um relato, das quais discorremos sobre algumas, dentre elas, *o período temporal, a descrição do local, a discussão de um campo teórico e a caracterização das atividades relatadas*. Eles ainda afirmam que não se trata de qualquer descrição, mas que ela seja referenciada, dialogada, crítica e informativa.

## **A EXPERIÊNCIA NO INSTITUTO UNIVERSITÁRIO SOPHIA**

No final do outono europeu, ocorreu nossa visita técnico-científica no IUS, entre os dias 06 e 21 de dezembro de 2021, em um *período temporal* em que a decoração natalina era marcante em todos os espaços que visitávamos. Ficamos hospedadas em um dos quatro apartamentos da *Casa San Giuseppe* (Figura 01), a três quilômetros da instituição de ensino. Nossa ida e volta diária se dava por meio de caronas ou da *van* universitária dirigida por nosso tutor. O projeto acadêmico do IUS volta-se para a tríade *pesquisa, pensamento e vida*, como ações compartilhadas entre todos da comunidade científica nas aulas, nos seminários e nos diferentes eventos.

Figura 01 - Casa San Giuseppe



Fonte: acervo pessoal.

Vale reiterar que o IUS está situado em Loppiano, considerada a primeira *Cittadella*<sup>3</sup> internacional do Movimento dos Focolares que faz parte de uma rede de realidades distribuídas pelos cinco continentes, tendo a unidade e a fraternidade como ideais de existência. A *Cittadella* é onde as pessoas fazem circular os bens e as reflexões comuns, isso significa colocar em movimentação a experiência do cristianismo em sua radicalidade, viver no "chão" aquilo que se está teorizando e não apenas teorizar.

Diálogo e reciprocidade são importantes pilares da IUS em uma perspectiva epistemológica que busca superar a fragmentação do saber, tratando-o de modo interdisciplinar, multidisciplinar e transdisciplinar. Em linhas gerais, há uma preocupação com a formação humana, cultural, profissional e acadêmica dos estudantes universitários. Tem visibilidade internacional, contando com mais de quatrocentos e cinquenta alunos e professores de cinquenta países diferentes, e com circulação de aproximadamente trinta idiomas distintos na *Cittadella*. A diversidade étnica, cultural e linguística é forte e colabora para uma visão ampla de mundo.

---

<sup>3</sup> Cidadela pode ser designada como o local onde se reúnem os defensores de uma doutrina, causa ou ideologia. É exatamente o que vem a ser a *Cittadella Internacional do Movimento dos Focolares*, conforme explicado no texto.

O IUS (Figura 02) nasceu de uma intuição de Chiara Lubich. Desde cedo ela quis aprofundar os estudos e matriculou-se na Faculdade de Filosofia. Mas, a Segunda Guerra Mundial cancelou seus projetos, não permitindo que ela continuasse seus estudos.<sup>4</sup> Em 2008 foi inaugurado o primeiro curso do IUS, apesar do pouco tempo de existência, cabe destacar que o seu reconhecimento é internacional, sobretudo em virtude das parcerias feitas com universidades de todo o mundo. Inclusive o seu corpo docente é formado por professores ligados a outras instituições renomadas.

Figura 02 - Sede do Instituto Universitário Sophia



Fonte: acervo pessoal.

Quanto à *descrição das atividades realizadas*, nossa inserção ocorreu principalmente no curso de *Cultura da Unidade* voltado para a leitura da realidade do mundo e do necessário

---

<sup>4</sup> O reconhecimento do pensamento de Chiara Lubich lhe rendeu vários Doutorados *Honoris Causa* ao redor do mundo. Destacamos aqui os títulos que ela recebeu no Brasil: em Economia pela Universidade Católica de Pernambuco (maio de 1998) e em Humanidades e Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (abril de 1998). Além disso, destacamos o recebimento da Medalha ao Mérito da Universidade de São Paulo, em 1995.

aprofundamento no diálogo e na comunicação para o enfrentamento de processos complexos advindos da contemporaneidade. No âmbito do curso, realizamos a disciplina *Pedagogia da Comunhão para uma Cultura da Paz* que tem como objetivo orientar processos formativos que levem a uma convivência respeitosa em sociedade e que valorize as diferenças. Divididos em pequenos grupos na sala de aula, tivemos o desafio de pensarmos ações sociais para ajudar pessoas que vivem na *Cittadela*. Rodas de conversas com estudantes do IUS revelaram que algumas famílias imigrantes na Itália tiveram dificuldades de realizar matrículas de seus filhos nas escolas por muitas vezes não conhecerem os procedimentos burocráticos.

Uma vez definido o tema em torno das relações interculturais e as escolas, através da metodologia ativa de ensino e aprendizagem chamada *Service Learning* demos início a um projeto de extensão que teve como etapa inicial a realização de entrevistas semiestruturadas com famílias que se encontravam nessa situação para compreendermos os desafios que elas enfrentam e posteriormente elaborarmos soluções conjuntas. Esse exercício nos levou a ter um olhar diferenciado àqueles situados ao nosso redor, principalmente quando o tema é tão complexo como o da imigração na Europa. Ao sentirmos preocupação com o próximo, pressupomos um cuidado com o mundo. Sanches (2018, p. 331), inspirada em Hannah Arendt, afirma que “[...] isto ocorre em virtude do fato de que o amor é um sentimento e o próprio refletir sobre ele exige, obrigatoriamente, um refletir sobre as experiências humanas que nos levam a senti-lo”.

Vale aqui destacar que esse projeto ainda se encontra em andamento mesmo com o nosso retorno ao Brasil, mas o citamos para evidenciarmos que as disciplinas acadêmicas do IUS não estão deslocadas das demandas reais de Loppiano, a *Cittadela* em que está inserido. A vida acadêmica está focada na humanização da sociedade e no cotidiano dos residentes. Trata-se de uma formação que visa um pertencimento ético e político com a vida social.

Em uma de nossas atividades na visita técnico-científica, conhecemos o *Auditorium de Loppiano* com uma guia turística que mora nesse vilarejo há cerca de dez anos, de origem espanhola. O mais surpreendente foi ver as fotografias nos painéis expostos e ouvir a história daquele lugar iniciado a partir da doação da propriedade rural de Vincenzo “Eletto” Folonari, em 1964, um dos primeiros jovens a ter aderido ao movimento.<sup>5</sup> Há aproximadamente trinta

<sup>5</sup> “Foi assim que, em 1963, este sonho cruzou o destino de algumas terras da ‘Fattoria Loppiano’, propriedade de uma família de empresários de Brescia, os Folonari: cem hectares plantados com vinhas e oliveiras, hoje em o município de Figline e Incisa Valdarno, na província de Florença. A propriedade foi trazida ‘como dote’; por Vincenzo e Camilla Folonari, dois dos quatro Folonari que deixaram os confortos e títulos para se entregarem todos a Deus no lar, o caminho da consagração leiga aberto por Chiara Lubich” (LOPPIANO, 2022, s/p).

quilômetros de Florença, Loppiano se situa em um planalto entre vinhas, quintas, oliveiras e fileiras de ciprestes (Figura 03). Para além do ponto de vista da geografia administrativa italiana, trata-se de palco de uma experiência original de convivência internacional, inter-religiosa (não obstante congregando também ateus), intergeracional e intercultural.

Figura 03 - Paisagem típica de Loppiano



Fonte: acervo pessoal.

Um de nossos principais momentos na visita, foi a realização da *Giovedì Culturale*, onde apresentamos a universidade da qual fazemos parte, o programa de pós-graduação, o grupo de pesquisa e aproveitamos para divulgar as riquezas culturais do Brasil, com enfoque no estado do Espírito Santo. Ao final de nossa explanação, realizamos uma pequena confraternização, com direito a degustação de aperitivos trazidos por residentes brasileiros, demonstrando a solidariedade de partilhar conosco aquela ocasião. Embora Almeida (2013)

problematize que falar de *amor mundi*, é algo enigmático, visto que Hannah Arendt não expõe as formas de amar um mundo que está em caos, aos termos nossa experiência neste lugar, nos demos conta que Chiara Lubich e seus companheiros foram capazes de pensar um caminho neste sentido, através da unidade e da fraternidade que contagia aqueles que o conhecem.

Ao percorrermos o caminho para chegarmos até o IUS, nos deparamos com diversas placas de madeiras com pinturas e textos escritos que reproduzem mensagens de amor, dentre elas, chamamos atenção para uma que traduz o sentimento de identidade e de propósito deste lugar: “*Nulla è piccolo di ciò che è fatto per amore*”. Ou seja, “Nada é pequeno do que se faz por amor”. Trata-se de um pensamento anônimo que sintetiza todo o conjunto da obra de Chiara Lubich construída a partir de um modo de vida baseado no amor de cada um por um propósito de vida em comum (Figura 04).

Figura 04 - Placa sobre o amor encontrada no caminho de IUS



Fonte: acervo pessoal.

Almeida (2013, p. 40) nos ensina que “o *amor mundi* não é algo natural, dado ou óbvio. Ele também não é uma solução, mas muito mais um problema”. Para a autora, quando



Hannah Arendt falou sobre o *amor mundi*, ela se referia a um sentimento de pertença ao mundo, o que não seria apenas uma escolha, mas principalmente um desafio. Em suas palavras, “esse amor, portanto, não se localiza dentro de mim, mas se direciona para algo que está fora de mim mesmo, do qual, porém, posso participar” (ALMEIDA, 2013, p. 69). Contudo, não podemos perder de vista que Arendt (1997) nos ensina que o *amor mundi* não pressupõe sentimentalismo ou nostalgia, ele trata de uma ação política. A respeito disso, Correia (2008, p. 28) ilustra que "ao agir, o indivíduo confirma o desejo de que o mundo e os outros persistam".

Uma ação política que volta-se para a preservação, a conservação e a continuidade do mundo que habitamos hoje, que existia no passado, mas que depois de nossa morte, ainda poderá ter vida. Almeida (2010) interpreta que *amor mundi* é uma resposta de Hannah Arendt à ausência de sentido do mundo, quando este vive em profundo deserto marcado por fenômenos incompreensíveis sob o ponto de vista da humanidade.

O que Hannah Arendt assume é justamente que o mundo só se torna um lugar habitável e a convivência suportável e desejável se assumirmos por amor ou gratidão a responsabilidade por ele e se por amizade e respeito interagimos com nossos pares. Sem isto, o mundo converte-se em um deserto [...] Em suma, é um uma vívida disposição para com o ser/estar no mundo e para com o ser/estar com os outros que se pode vislumbrar possibilidades menos sombrias para os nossos tempos. (CORREIA, 2008, p. 28).

Enquanto categoria ontológica, é a natalidade que se dá pela vinda das novas gerações que alimenta a esperança por um mundo melhor, pois “[...] cada novo nascimento garante esse começo; ele é, na verdade, cada um de nós” (ARENDRT 1989, p. 531). Para Arendt (2014, p. 223), “[...] a essência da educação é a natalidade, o fato de que os seres nascem para o mundo” e a formação humana deles pode contribuir para que eles se sintam responsáveis pelo mundo e escolham renová-lo. Para Correia (2008, p. 31), “o nascimento instaura a possibilidade de agir, mas apenas o amor ao mundo pode tornar a ação uma efetividade. A ação decorre do *amor mundi*, ainda que sempre suponha a espontaneidade que a natalidade inaugura”.

Soares (2016, p. 16) contribui para o debate ao afirmar que “a novidade que cada criança representa, quando aparece e chega ao mundo, pode ser entendida como uma possibilidade de transformação se essa criança aprender a amar o mundo e a agir em nome desse amor”. Chegamos no IUS na véspera do Natal e pudemos participar de uma atividade semanal denominada *Condivisione* que reúne toda a comunidade acadêmica. Dessa vez, a reflexão compartilhada foi o período litúrgico do “Advento”, transmitida não só aos presentes,



mas também a todos aqueles sintonizados pela *internet*. Com isso, pudemos refletir mais profundamente sobre o conceito de natalidade, a partir de Hannah Arendt, através do nascimento do Menino Jesus para os cristãos. A exemplo disso, Arendt (2014, p. 216) cita o que os Evangelhos anunciaram sobre a “boa nova”: “Nasceu uma criança entre nós”.

Essa é a aposta tanto de Hannah Arendt nos seus escritos, como também de Chiara Lubich, como podemos constatar nesta citação de sua biografia: “Chiara tinha um amor especial pelas gerações mais jovens porque ansiava por lhes passar a bandeira” (TORNO, 2012, p. 67, tradução nossa). Em um contexto de mundo em crise, ambas contribuíram com reflexões voltadas à compreensão dos fenômenos políticos do século XX, principalmente aos eventos decorrentes da Segunda Guerra Mundial e suas consequências. Hannah Arendt e Chiara Lubich foram mulheres que pensaram sobre as causas de seu tempo, mas também com o futuro da humanidade e o amor a ela.

Quando Almeida (2013) nos fala sobre o *amor mundi* enquanto uma aposta no futuro, podemos relacionar com a experiência de mundo de toda Loppiano, inclusive do IUS, tendo em vista a existência de uma preocupação com a formação das novas gerações voltada para a construção de um mundo comum. Para Arendt (1997, p. 164), o passado tem uma importância peculiar no mundo humano, visto que “no mundo, o próprio passado continua a viver e o combate contra o mundo, ou o facto de se inquietar com isso, só pode ser conduzido e compreendido a partir desta pertença ao mundo”. O que nos remete à ideia de educação, um ato de acolher e iniciar as crianças no mundo, como uma herança pública, por meio do qual realizações simbólicas e materiais de uma cultura são repassadas para as próximas gerações por meio de uma experiência compartilhada (CARVALHO, 2017).

Essa discussão sobre a educação em Arendt (2014) nos leva a última atividade propriamente acadêmica que desenvolvemos, a apresentação das nossas pesquisas no âmbito do Doutorado Acadêmico realizadas no Programa de Pós-Graduação em Educação. Nossas pesquisas têm como escopo contribuir para os estudos da infância, mais especificamente da Educação Infantil (crianças entre 0 a 5 anos de idade). Temos o compromisso em nossos estudos de provocar novos enunciados no processo de formação inicial e continuada no campo da educação, bem como, na problematização de políticas públicas em torno dos direitos das crianças, da educação infantil e da articulação entre cidade e culturas infantis. Dessa forma, consideramos que pesquisas em educação também são importantes para uma mudança de realidade através do aprimoramento das políticas públicas educacionais e intersetoriais, no sentido de uma preocupação com a formação dos recém-chegados.

Ao final da visita técnico-científica, realizamos um passeio em Florença, a capital da região de Toscana. Não obstante o encantamento que tivemos ao conhecer um dos berços do Renascimento, o que mais nos surpreendeu foi o que aprendemos a caminho do trem. Uma das colegas brasileiras do IUS estava usando um casaco do tipo sobretudo e mantinha as mãos no bolso enquanto caminhávamos em uma manhã de muito frio. Ela nos disse que o seu casaco era oriundo do *Fagotto*. Aprendemos que se trata de um ponto de coleta e distribuição de roupas em boas condições que podem ser adquiridas gratuitamente ou a um baixo custo, cujo valor fica à critério do comprador a partir do que pode contribuir. Identificamos que muitos estudantes universitários recém-chegados de outros países, principalmente de climas tropicais, veem o *Fagotto* como a possibilidade mais viável para obter um agasalho que os proteja das baixas temperaturas. O interessante é que isso não ocorre em um espaço físico e fixo necessariamente, mas sempre que as pessoas colocam objetos pessoais em comunhão para contribuir com o próximo, a experiência é efetivada.<sup>6</sup>

Loppiano foi constituída sobre uma região abandonada devido ao êxodo de camponeses após a Segunda Guerra Mundial. Mais tarde, a área foi revitalizada, tendo o cuidado com a terra e a sustentabilidade como um dos eixos norteadores do território atravessado por uma rede de caminhos e ciclovias imersos em paisagens típicas da Toscana. Os empreendimentos instalados na região também se aderem a essa visão de mundo por meio de uma nova forma de pensar e fazer a economia da comunhão<sup>7</sup> que tem como objetivo contribuir para uma sociedade mais inclusiva e centrada no bem-estar da comunidade. A análise de Hannah Arendt sobre o *amor mundi* também envolve o amor ao próximo, conforme anuncia Sanches (2018, p. 132):

[...] o amor ao próximo (*dilectio proximi*) é um exercício que deve levar em consideração o parâmetro que torna todos os seres iguais, vinculando-os não em uma personalidade conjunta ou em uma identidade única, mas em uma condição existencial que os determina. É somente neste critério que o amor, como fundamento social, pode ser expressado.

---

<sup>6</sup> *Fagotto* em italiano significa “fazer a trouxa” ou “preparar as malas”, se origina de uma época de carestia em que aqueles que mudavam de residência colocavam seus poucos pertences importantes dentro de um embrulho feito de lençol e o prendiam a um pedaço de madeira, como um cabo.

<sup>7</sup> Foi uma ideia surgida durante uma viagem à São Paulo, em 1991, por parte dela de criar empresas que produzissem renda e que inspiradas no cristianismo dos primórdios, repartissem o lucro de modo atender as necessidades mais urgentes da comunidade. E, ao mesmo tempo, que essa comunhão de bens produtiva fosse uma constante, por meio da redistribuição do lucro, visando à manutenção dos bens das empresas e a diminuição da pobreza (PUC-SP, 2022). É possível encontrarmos uma vasta quantidade de livros e de pesquisas sobre a economia de comunhão em universidades de diferentes lugares do mundo.



Em tempos sombrios como estes que vivemos, em que a solidão “[...] ameaça devastar o mundo que conhecemos - um mundo que em toda parte parece ter chegado ao fim” (ARENDDT, 1989, p. 531), ter momentos de amor ao próximo e (re)significar ações cotidianas em prol do bem comum nos revela uma ação de resistência, sobretudo, de cuidado pelo mundo e pelos seus habitantes. A experiência de Chiara Lubich bem como o pensamento de Hannah Arendt nos fizeram enxergar as atividades educacionais realizadas na visita técnico-científica para além de uma ocasião acadêmica, mas principalmente como uma experiência de compromisso pelo mundo comum, e de compartilhamento de saberes, de ideias, de culturas etc. Afinal, “[...] somos responsáveis por tudo e por todos” (RICOEUR, 2008, p. 34).

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Fomos recebidas no IUS em um contexto de pandemia, ao final do semestre letivo, próximo ao feriado de Natal e festas de fim de ano. Descrever tudo o que fizemos e aprendemos na nossa visita técnico-científica é uma tarefa difícil, dada a riqueza de toda a experiência. Foram dias intensos de muitos estudos e de uma verdadeira inserção em uma Instituição que faz parte de Loppiano, uma cidade internacional, onde a comunidade científica tem um papel fundamental, visto que a educação, a cultura e a tradição são valorizadas pela aproximação dos seres humanos em todo o cotidiano da *Cittadella*.

Também não podemos perder de vista que contribuímos com o processo de internacionalização presente na agenda das políticas educacionais do ensino superior, criando mais uma ponte na rede de relações internacionais que a nossa universidade tem buscado estabelecer com países nas mais diversas áreas de conhecimento. Pretendemos com essa experiência alargar as fronteiras acadêmicas através de um acordo técnico-científico por meio dos respectivos programas de pós-graduação. Vale lembrar que o IUS oferece continuação dos estudos através da Cátedra Piero Pasolini e da Cátedra Atenágoras com enfoque no diálogo entre *a Teologia, a Filosofia e a Ciência*. Também pela ação cotidiana do *Centro Evangelii Gaudium*; da *Sophia Estudos Globais* e do *Centro Sophia de Política e Direitos Humanos*.

Talvez tanto o pensamento de Hannah Arendt com seus exercícios de reflexão sobre política, quanto a experiência de Chiara Lubich com seu amor incondicional a Deus e aos irmãos podem nos ajudar a repetir as palavras de Políbio: Educar, e aqui não importa em que campo da atividade humana (na escola, na psicologia ou na economia etc) era simplesmente “tornar-nos completamente dignos de nossos ancestrais” e ser uma resposta ético-política aos

apelos mais eminentes do nosso tempo. Como diria Igino Giordani,<sup>7</sup> cristianizemos a democracia fraternizando-a.

Ao final deste relato de experiência sob formato de ensaio, podemos nos questionar: estaria o IUS, em Loppiano, desenvolvendo uma experiência de *amor mundi* frente ao mundo em caos? Decerto que não podemos responder esta pergunta com exatidão. Mas ao que nos parece, o que faz o amor ser difundido não é necessariamente o espaço físico habitado e as belezas naturais, e sim, as pessoas que coexistem e que buscam viver “Que todos sejam um”. *Amor mundi* como artifício humano de se conectar ao outro na ação conjunta, no discurso e nas inter-relações tecidas na vida social. Ao discorrer sobre um ser não individual como apenas um Eu, mas um Ser-conjunto, Arendt (1997, p. 160) ressalta “não há ninguém no gênero humano a quem não se deva amor, não devido a uma afeição recíproca, mas devido à própria pertença a uma comunidade de natureza”, reflexão esta que unida ao que experienciamos na visita técnico-científica nos dá a esperança de um futuro melhor mesmo em tempos tão sombrios, como também ansiava Chiara Lubich.

## REFERÊNCIAS

ALESSANDRA, P. **Nati per incominciare**: Vita e politica in Hannah Arendt. Milão: Vita e Pensiero, 2011.

ARENDR, H. **Ação e a busca da felicidade**. Tradução de Virgínia Starling. Edição de Ana Cecília Impellizzeri Martins. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2018.

ARENDR, H. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

ARENDR, H. **O Conceito de Amor em Santo Agostinho**: ensaio de interpretação filosófica. Trad. Alberto Pereira Dinis. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

ARENDR, H. **Origens do totalitarismo**. Tradução de Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

ARENDR, H. **A vida do espírito**. Tradução de Antônio Abranches. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1978.

ARENDR, H. Entrevistador: Roger Errera. Entrevista de 10 minutos com Hannah Arendt gravada em 1973 dentro da série "Un certain regard". **YouTube**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=kWLkK9uZNuE>>. Acesso em: 05 jan. 2022.

BENJAMIN, W. O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, W. (Org.) **Magia e técnica, arte e política**. Obras escolhidas. 7 ed. Trad. de Sérgio Paulo Rouanet, São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

CARVALHO, J. S. F. de. **Educação, uma herança sem testamento**: diálogos com o pensamento de Hannah Arendt. São Paulo: Perspectiva/ FAPESP, 2017. 144 p.



CORREIA, A. O significado político da natalidade: Arendt e Agostinho. In: CORREIA, A.; NASCIMENTO, M. (Orgs.). **Hannah Arendt: entre o passado e o futuro**. Juiz de Fora: UFJF, 2008. p. 15-34.

COSEDDU, A. Alle “fonti” del diritto tra norma e vità. **Nuova Umanità: rivista bimestrale di cultura**, Roma, v. 35, n. 207, p. 297-313, mag./giu. 2013.

DUARTE, A. Hannah Arendt e o pensamento político sob o signo do amor mundi. In: Maria Clara Lucchetti Bingemer e Eliana Yunes (Orgs.). **Mulheres de Palavra**. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

GAGNEBIN, J. M. **Lembrar, escrever, esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2009.

INSTITUTO UNIVERSITÁRIO SOPHIA. **Da un’intuizione di Chiara Lubich: le origini**. Disponível em: <<https://www.sophiauniversity.org/it/>>. Acesso em: 02 fev. 2022.

LOPPIANO. **La Storia**. Disponível em: <<https://www.loppiano.it/la-storia/>>. Acesso em: 28 jan. 2022.

LUBICH, C. **Attualità leggere il proprio tempo**. Roma: Città Nuova, 1991.

LUBICH, C. A força do perdão. In: Movimentos dos Focolares (Org.) **Palavra de vida**. Vargem Grande Paulista: Cidade Nova, 2004.

LÜDKE, M.; CRUZ, G. B. DA. Contribuições ao debate sobre a pesquisa do professor da educação básica. **Formação Docente: Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação de Professores**, v. 2, n. 3, p. 86-107, dez. 2010.

MOVIMENTO DOS FOCOLARES. **Viver o carisma**. Disponível em: <<https://www.focolare.org/pt/chiara-lubich/viver-o-carisma>>. Acesso em: 01 fev. 2022.

MUSSI, R. F. F.; FLORES, F. F.; ALMEIDA, C. B. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Revista Práxis Educacional**, Bahia, v. 17, n. 48, p. 60-77, out./dez. 2021.

PELLI, A. L’essere come amore negli scritti di Chiara Lubich. **Nuova Umanità: rivista bimestrale di cultura**, Roma, v. 33, n. 194, p. 185-207, mar./apr. 2011.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO. **Economia de Comunhão, Empreendedorismo e Inovação Social**. Disponível em: <<https://www5.pucsp.br/catedrainsacysachs/economia-de-comunhao.html>>. Acesso em: 03 mar. 2022.

RICOEUR, P. **O Justo**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008.

SAMPAIO, K. F. B.; CARVALHO, Z. J. V. O cuidado com o mundo ou o amor mundi e sua relação com a ação política em Hannah Arendt. **Kínesis**, v. 13, n. 34, p. 142 - 161, jul. 2021.

SANCHES, E. G. F. **O conceito de amor agostiniano a partir de Hannah Arendt**. 2018. 136 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Filosofia, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Toledo, 2018.

SOARES, A. de S. Infância, natalidade e educação: diálogos com Hannah Arendt. **Educação**

**Unisinos**, v. 21, n. 1, p.12-20, janeiro/abril, 2017.

TORNO, A. **Chiara Lubich**: a biography. New City Press of the Focolare, 2012. Traduzido por Bill Hartnett.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradecemos ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGE/Ufes); a nossa orientadora Dra. Vania Carvalho de Araújo; ao Coordenador do PPGE/Ufes Dr. Wagner dos Santos; a Diretora de Pós-Graduação da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da Ufes Dra. Eliza Bartolozzi Ferreira, pois juntaram esforços para a realização da visita técnico-científica. Estendemos a gratidão aos colegas do Grupo de Pesquisa Infância, Educação, Sociedade e Cultura (IESC). Ao Instituto Universitário Sophia (IUS) pela acolhida, pelos conhecimentos (com)partilhados e por nos contagiar de amor ao mundo, através dos Professores Dr. Bernhard Callebaut, Dra. Valentina Gaudiano e Dra. Carina Rossa, bem como nosso Tutor Andrea Giordano, além de cada uma das amizades estabelecidas nos caminhos trilhados na Itália.



eISSN 2594-9810 Revista Ciranda (DEPE-UNIMONTES) DOI:10.46551/259498102022026  
■Recebido em: 19/07/2022 ■Aceito em: 19/10/2022 ■Publicado em: 18/11/2022